

Cieps serão prioridade do governo

■ Reformas já começaram e deverão atingir mais de trezentas escolas

Símbolo máximo do governo Brizola, os Cieps foram praticamente abandonados nos últimos quatro anos, durante o governo Marcello Alencar. Inspirados na idéia de escola de tempo integral do educador Anísio Teixeira e implantados por Darcy Ribeiro, os Cieps começaram a ser recuperados este ano, como projeto prioritário do governo Garotinho.

Uma das unidades que já passaram pela reforma estrutural – o Colégio Público Rubem Braga – exemplifica o futuro da rede de 337 escolas do mesmo modelo. Situado em Senador Camará, subúrbio do Rio, a escola recebe a verba da autonomia no valor de R\$ 7.500 mensais, que vem possibilitando a realização de uma série de reformas estruturais. Hoje, os alunos têm banheiros limpos, portas nas salas de aula e paredes pintadas. Além disso, há uma verba de R\$ 12 mil destinada exclusivamente à merenda, que permite aos alunos terem três refeições diárias e lanches. “A escola estava completamente abandonada. Ficamos quatro anos sem receber uma verba sequer do Marcello Alencar”, conta Maria da Glória Menezes, diretora do Rubem Braga.

Diretora desde 1993, Glorinha, como é chamada carinhosamente pelos amigos, revela que os últimos anos foram os piores que ela já enfrentou. Sem di-

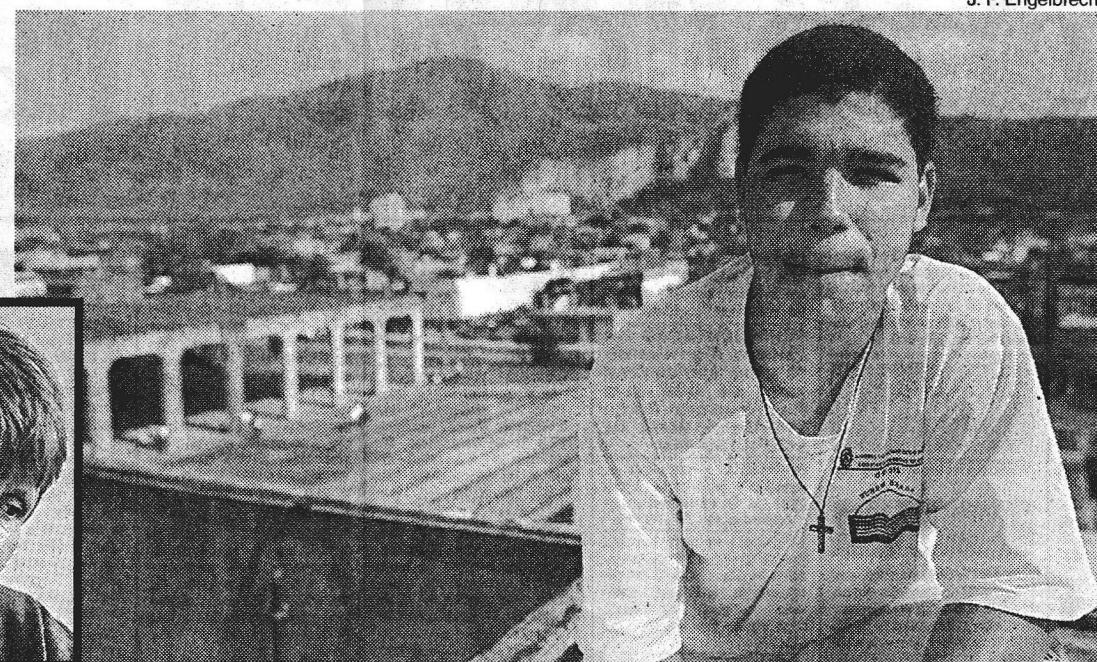
nheiro para manter a escola, foi obrigada a improvisar para mantê-la de pé. “Em 93 começara o projeto de reformulação dos Cieps. O salário aumentou, os alunos tinham uniformes, havia oficinas e merenda. Marcello Alencar interrompeu tudo”, lamenta.

Glorinha ressalta que sem o trabalho da comunidade local não teria conseguido administrar a escola. Os moradores ajudavam de todas as formas. Promoviam mutirões para os trabalhos de manutenção do dia a dia e ainda ajudavam financeiramente com a coleta de verbas. “Fiz tudo com muita luta. Não tinha nenhum apoio do governo”, diz a diretora.

A relação comunidade/escola ainda funciona com êxito na escola. A Associação de Apoio à Escola (AAE), criada em agosto deste ano, participa ativamente das reuniões sobre os rumos da escola. Pais e alunos decidem com a direção da escola onde a verba da autonomia deve ser aplicada. “Sem a ajuda da comunidade não teríamos conseguido”, conta Glorinha.



A diretora Glorinha e o aluno Márcio têm esperança de recuperar o Ciep e ter uma escola de qualidade



J. P. Engelbrecht

Projeto inclui pedagogia

Além da falta de verbas, a direção do colégio Rubem Braga precisa enfrentar outro desafio herdado do desrespeito ao projeto da escola integral: o aumento indiscriminado do número de sala de aulas.

Pela proposta pedagógica criada por Darcy Ribeiro, no início dos anos 80, os Cieps foram programados para ter 16 turmas com 32 alunos, de modo a funcionar em tempo integral.

Durante o governo Marcello Alencar, no entanto, a proposta foi ignorada. As salas aumentaram para 42 e algumas delas contam com mais de 50 alunos matri-

culados. A partir de então, o Ciep foi dividido em três turnos.

Para segurar os alunos na escola, a direção e os professores foram obrigados a criar atividades extra-curriculares. O que vem sendo realizado com sucesso. “Precisamos incentivar o aluno, criando atividades que o prendam na escola”, explica Glorinha.

Exemplos são as oficinas de danças folclóricas e de capoeira que ocorrem desde o ano passado. As aulas são sempre à noite, para que todos os alunos da escola e membros da comunidade possam participar.

A professora de Língua Portuguesa e Literatura, Vilma Malveira, promove trabalhos de poesia. Os alunos criam suas próprias poesias, organizam uma coletânea e depois as apresentam no festival da escola, em novembro. “Havíamos parado o projeto nos últimos anos. Agora queremos também criar um jornal”, conta.

Glorinha espera que os projetos extra-curriculares reduzam um pouco a evasão escolar. De janeiro até agora, 552 alunos largaram a escola. “A maioria vai atrás de trabalho. Mas, se dermos outras atrações, eles podem ficar na escola”, acredita.

Uma longa caminhada

Apesar de ser uma escola modelo no Estado, o Colégio Público Rubem Braga ainda não resgatou totalmente seu funcionamento original. Amargurando o abandono dos anos anteriores, carrega consigo problemas que não dependem exclusivamente de verbas para serem solucionados. É o caso do departamento médico da escola, que foi desativado por Marcello Alencar e ainda hoje continua sem médico para atender aos alunos. “O departamento médico está toda equipado. Temos consultório odontológico, sala de enfermagem e medicamentos. Falta somente médicos”, reivindica Glorinha, a diretora.

Márcio Santos, 16 anos, aluno da primeira série do ensino médio, endossa as palavras da diretora. “A escola não melhorou completamente. Ela estava muito abandonada. Agora, pelo menos, não faltam professores ou merenda. O que falta é assistência médica”, diz Márcio, acrescentando que deveria haver mais palestras e informações para os alunos da rede pública.

A sala de informática também é motivo de preocupação. Assim como o consultório médico, falta o mais importante: os computadores. “Começamos a receber a verba agora. Não tivemos tempo de comprar os computadores”, explica Glorinha.